Economia - Brasil

Os sinais indicam que o Brasil retomará o mesmo ritmo de crescimento de 1980. A opinião é da Fundação Getúlio Vargas. E com ela concordam os homens da indústria automobilística — na Mercedes Benz fala-se, até, na readmissão dos 5 mil dispensados em 1981 —, e até banqueiros norte-americanos, que prometem todo o dinheiro de que o País precisar este ano. Apenas o ministro Ernane Galvêas não parece compartilhar do entusiasmo: ele nega, inclusive, medidas para ajudar a indústria, prometidas por Delfim Neto.

Inevitável: o País volta a crescer.

A Fundação Getúlio Vargas não tem mais dúvidas: o País caminha em direção a uma reativação econômica — via afrouxamento monetário — tão forte, que criará condições para o reaquecimento inflacionário e para um novo choque recessivo igual, até, ao de 1981, no ano que vem.

Apesar dessa constatação e advertência da **Carta do Ibre** (do Instituto Brasileiro de Economia da FGV, e que dá a opinião oficial da entidade), e das reiteradas declaração do ministro Delfim Neto, do Planejamento, que falou, inclusive, em dar um "assoprãozinho" na indústria para reativar o setor, o ministro Ernane Galvêas, da Fazenda, disse ontem desconhecer qualquer proposta para ajudar a indústria e qualquer redução nas alíquotas do IPI ou do IOF.

— Não quero nem pensar nisso — reagiu Galvêas quanto às mudanças nos impostos, que desconhece "inteiramente", mesmo porque, para ele, é sugestão "sem fundamento", principalmente porque o governo aumentou, há pouco, a alíquota do IPI de 46 produtos para ajudar a Previdência.

— Eu desconheço qualquer mudança. Não estou tratando disso — reforçou. Se algum setor do governo está mexendo nisso não sou eu — dando a entender sua oposição a qualquer medida nesse sentido.

E quando um repórter observou que ele, o ministro da Fazenda, deveria saber se o assunto está mesmo em discussão, já que está ligado à sua área, Galvêas respondeu: "Então não deve existir nada. Eu não sei se você está entendendo o que eu quero dizer. Nem vi a notícia. A meu ver nada disso tem fundamento".

O ministro da Fazenda acrescentou ainda mais mistério sobre o que sabe, ou não, dos planos do governo, ao mostrar-se desinformado sobre as mudanças nos financiamentos de casa própria pelo BNH, que o próprio ministro Mário Andreazza confirmou, ontem, estarem em estudos. "Não conheço isso" — disse. "Só pela imprensa. Não chegou nada de oficial aqui com relação a esse assunto."

A FGV, sombria.

Mas a FGV não só tem certeza de que haverá reaquecimento, inclusive da indústria, este ano, mas também teme que ele venha a provocar reflexos tão negativos quanto os que o grande crescimento da economia, em 80, provocou em 1981. Diz o editorial da **Carta do Ibre**:

"O ano de 1982 contém certos ingredientes que apontam perigosa semelhança com as motivações que levaram ao equívoco programático de 1980. Ou seja, além de montados em forte expansionismo monetário no semestre precedente, tanto 1980 como 1982 iniciam-se carregados da 'necessidade' de voltar a crescer a qualquer custo; este ano mais ainda, tendo em vista a falaciosa interpretação de que um PIB (Produto Interno Bruto) com variação nula ou negativa seria sinal de desacerto da política econômica."

E faz esta advertência: "O cenário de reaceleração monetária, antevisto como uma mera possibilidade ainda no segundo semestre de 1981, veio confirmar-se pela reversão da tendência declinante das variações trimestrais e semestrais da base monetária e, a partir de junho de 81, também na tendência das variações anuais desse indicador. A severidade do processo é, inclusive, comparável à aceleração observada no segundo semestre de 1979".

O editorial assinala ainda que o comportamento da expansão monetária, medido pelos dados do último trimestre e do último semestre, mostra uma tendência de taxas anuais muito mais elevadas que a inflação projetada para 1982. E nota que a projeção anual dos meios de pagamento, tomando por base os últimos seis meses de 1981, indica uma taxa de 111,8%. O mesmo cálculo para a base monetária revela uma expansão de 96,6%. "O nível futuro da inflação" — conclui a **Carta** — "estará condicionado ao processo monetário que agora se configura, ainda que amortecido pela margem de capacidade produtiva não utilizada no momento". Além disso, "ainda que se assinale a estabilidade do preço do petróleo e a chance menor de novas elevações extremas dos juros internacionais, nada nos deve levar a daí inferir a cessação da restrição externa".

Galvêas (à esquerda): nem pensar em mudanças nos impostos. Francini: oferta de empregos mais estável.

Mais empregos: a grande esperança no ABC.

Na Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp), é uma certeza: há uma tendência, registrada desde novembro passado, de estabilização na oferta de emprego na indústria paulista. E, no ABC, já se fala em readmissões. Ontem, o vice-presidente da Mercedes Benz, Werner Lechner, anunciou a possibilidade de a empresa readmitir todos os cerca de cinco mil funcionários demitidos em 1981, logo depois de sair de uma audiência com o ministro do Planejamento, Delfim Neto, em Brasília.

"Desemprego é uma palavra que não constará de nosso vocabulário, este ano" — declarou Lechner, afirmação que se soma à previsão do presidente da General Motors, Joseph Sanchez, feita na semana passada, de que sua empresa poderá aumentar seu quadro de pessoal em 82.

A tendência de estabilização do desemprego foi anunciada pelo diretor do Departamento de Estatística da Fiesp, Paulo Francini, cujos dados mostram que, dos 29 setores pesquisados, nove aumentaram a oferta de emprego, sete se mantiveram estáveis, e 13 apresentaram quedas — o que dá um índice de 0,10% de queda na primeira semana de janeiro. A maior foi no setor de Proteção e Tratamento de Superfície (-3%).

Francini lembrou, porém, que os 0,10% de queda na primeira semana de janeiro refletem uma situação quase igual à das primeiras semanas dos meses anteriores (-0,12% em outubro de 81, -0,08% em novembro e -0,12% em dezembro) — levando em conta que, em janeiro, as empresas receberam de volta seus empregados, depois das férias coletivas.

Otimismo na Mercedes

Werner Lechner disse que a maior preocupação de sua empresa, no momento, é manter os 15 mil funcionários de São Bernardo e Campinas. E, dependendo do comportamento da economia ao longo do ano, a empresa estudará a readmissão dos demitidos durante a crise de 1981.

— Este ano ainda teremos muitas dificuldades — observou Lechner — apesar da melhoria em relação a 1981. Nossa capacidade instalada é de 282 unidades por dia, e estamos trabalhando com um nível de ociosidade de 50 por cento.

A expectativa de aumento da produção da Mercedes Benz leva em conta, segundo ele, não só uma aventual recuperação significativa do mercado interno, mas também um aumento das exportações em relação às de 1981. Recuperação que, ele disse, deverá apagar o mau desempenho das exportações da empresa no ano passado, quando as vendas externas caíram 22% em relação de 1980, com 47 mil unidades vendidas, contra 60 mil em 1980.

Os banqueiros dos EUA prometem mais dólares

A economia do Brasil começa a recuperar-se e "será melhor em 1982 que no ano passado". A afirmação é de um grande banqueiro norte-americano, um dos dois que concederam ontem entrevista exclusiva à **UPI**, sob condição de a agência manter em sigilo seus nomes.

Para esse banqueiro, o ano de 1981 foi, de fato, um ano muito difícil, mas apoiou as medidas adotadas pelo ministro do Planejamento, Delfim Neto. Disse também que a inflação no Brasil está se reduzindo e que a balança de pagamentos foi muito boa em 1981, devendo melhorar em 1982, alcançando um superávit de quase um bilhão de dólares.

O banqueiro reconheceu ainda que o Brasil vive um período de recessão e uma tendência de aumento do desemprego, que "preocupa os políticos", acrescentando que "felizmente ali há poucas greves, geralmente na região de São Paulo". Finalmente opinou que o Brasil conseguirá nos bancos todo o dinheiro de que necessitará, embora com o pagamento de taxas de juros mais elevadas.

Em relação à Argentina, o mesmo banqueiro disse que "precisaria ser adivinho" para acertar seus prognósticos, pois o país perdeu confiabilidade, nos planos interno e externo, durante a gestão do presidente Roberto Viola, acarretando "repercussões profundas". Num período de seis a oito meses, no ano passado, a Argentina teve suspensos os empréstimos do Exterior, ocasião em que o Banco Central argentino aconselhou a **YPF** — Yacimientos Petrolíferos Fiscales — a não tomar um empréstimo de 100 milhões de dólares, pois os juros seriam muito altos.

"Agora, com o presidente Leopoldo Galtieri e seu ministro da Economia, Roberto Aleman, as coisas caminham melhor", pela confiança e respeito de que desfrutam.

O maior destaque

Sobre o Chile, este banqueiro disse que "foi o maior destaque no Cone Sul, pois reduziu para 10 ou 12% uma inflação de mil por cento. Isto é uma prova do que um governo forte e uma equipe de profissionais civis podem fazer. A equipe econômica do Chile é muito capaz e o Produto Nacional Bruto do país vem crescendo paulatinamente. O orçamento chileno não tem déficit e o governo está privatizando as empresas estatais". Mesmo assim, este será um ano difícil para o Chile, que, segundo o economista, deverá desvalorizar sua moeda (de 39 para 42 pesos por dólar).

O outro banqueiro comentou que o México precisa encarar seus problemas agrícolas e diminuir de 25 a 30% a supervalorização do peso.